

RESENHA

SOBRE O MECANISMO SEMIÓTICO DA CULTURA

Iúri Lotman e Boris A. Uspenski

&

O MECANISMO SEMIÓTICO DA CULTURA

Roland Posner

FERNANDO PACHECO

O texto de Lotman e Uspenski, inicia-se questionando a existência de numerosas definições de cultura, e destaca que toda cultura determinada historicamente gera um determinado modelo cultural próprio, e apoia o estudo comparado da semântica do termo “cultura”.

Assinalam-se duas definições de cultura:

- 1- A cultura possui traços distintivos. A cultura nunca representa um conjunto universal, mas apenas um subconjunto com uma determinada organização. A cultura só se concebe como uma parte, como uma área fechada sobre o fundo da não-cultura. A cultura precisará sempre de uma contraposição semelhante. Ainda mais, será precisamente a cultura a que intervirá como membro assinalado da oposição.
- 2- Toda a variedade das demarcações existentes entre cultura e não-cultura reduz-se em essência a que, sobre o fundo da não-cultura, a cultura intervém como um sistema de signos. Nomeadamente, cada vez que falarmos dos traços distintivos da cultura como “artificial” (em oposição a “inato”) “convencional” (em oposição a “natural” e “absoluto”), “capacidade de condensar a experiência humana” em oposição a “estado originário de natureza” teremos de nos confrontar com diferentes aspectos da essência signica da cultura.

Enquanto que Posner, caracteriza qualquer cultura em três níveis:

- 1- Como uma sociedade, isto é, um conjunto de indivíduos cujas relações mútuas são organizadas em instituições sociais específicas (cultura social).
- 2- Como uma civilização, isto é, um conjunto de artefatos produzidos e utilizados pelos membros desta sociedade (cultura material).

- 3- Como uma mentalidade (um sistema de valores e idéias, morais e costumes), isto é, um conjunto de mentefactos que controla estas instituições sociais e determina as funções e significados destes artefatos (cultura mental).

Lotman e Uspenski citam que o comportamento social é alterado no desenvolvimento das culturas e pode ser observado na comparação entre a novas e velhas formas de comportamento. Por exemplo se a atividade de Pedro I na Rússia se reduziu em grande medida à luta contra os velhos ritos e os velhos símbolos, traduzida na criação de signos novos como não usar barba tornou-se obrigatório, tal como antes obrigatório tinha sido usá-la, vestir como no estrangeiro tornou-se obrigatório, tal como antes o era vestir-se à maneira russa, etc. A ação de Pedro I, pelo contrário foi no sentido de reforçar a signicidade das formas já existentes, e, sobretudo, duma elevação do seu carácter simbólico.

Posner considera que em relação a cultura social, ressaltando-se que a sociedade como um todo, bem como seus membros individuais e suas instituições, são usuários do signo. Com relação aos indivíduos, pode-se questionar se não formam os chamados “indivíduos” (indivisíveis) precisamente porque são capazes de assumir o papel do emissário, do destinatário e do recipiente das mensagens, perdendo esta capacidade quando divididos em partes. As instituições, tais como a paróquia, a clínica, o teatro, a universidade, podem ser concebidas como corpos unificados, sendo geralmente capazes de responder como tais. E isto também vale para a sociedade como um todo: na forma de um estado político ela pode fazer negociações, declarar guerra ou paz, ratificar e quebrar tratados.

Com relação ao carácter semiótico da cultura material, Posner afirma que os artefatos de uma cultura são signos para seus membros: cada artefato desempenha um certo papel na cultura e a significa através de sua aparência exterior.

Com relação ao carácter semiótico da cultura mental, Posner diz que algo é um mentefacto se desempenha um papel em alguma convenção daquela cultura. A cultura mental de uma dada sociedade não é nada além de um conjunto de códigos aplicados por aquela sociedade.

Para Posner, estas considerações levam à conclusão de que cada um dos três níveis de cultura tem um status semiótico bem definido: a sociedade é definida como um conjunto de usuários de signos, a civilização como um conjunto de signos, e a mentalidade como um

conjunto de códigos. Esta abordagem fornece uma base teórica para relacionar os três níveis entre si: os usuários dos signos não podem existir sem a semiose, que envolve signos e códigos. Esta é a razão pela qual a sociedade é impensável sem sua civilização e mentalidade específicas.

Um dos problemas essenciais, destacados no texto de Lotman e Uspenski, é o da relação entre a cultura e a linguagem natural. De qualquer modo, é discutível a proposta do estudioso de só considerar sistemas propriamente semióticos as línguas naturais e de atribuir a todos os restantes modelos culturais o qualificativo de semânticos, na medida em que carecem duma semiose ordenada própria, a qual vão buscar à esfera das línguas naturais. Apesar da oportunidade duma contraposição entre sistemas modelizantes primários e secundários sem a qual não se poderia determinar a sua respectiva especificidade, parece-nos útil sublinhar que, no seu funcionamento histórico real, as línguas e as culturas são indivisíveis: não é admissível a existência duma língua (no sentido amplo do termo) que não seja imersa num contexto cultural, nem duma cultura que não possua no seu próprio centro uma estrutura do tipo da duma língua natural.

A linguagem encontra-se incorporada a cultura, e, juntamente com este, constitui uma totalidade complexa. O trabalho fundamental da cultura, como o texto tenta demonstrar, consiste em organizar estruturalmente o mundo que rodeia o homem. A cultura é um gerador de estruturalidade: cria à volta do homem uma sociosfera que, da mesma maneira que a biosfera, torna possível a vida, não orgânica, é óbvio, mas de relação.

O sentido intuitivo da estruturalidade, é a linguagem natural. O pressuposto de estruturalidade elaborada a partir da prática da comunicação lingüística exerce uma intensa ação sobre todo o complexo dos meios de comunicação. Deste modo, todo o sistema da conversação e transmissão da experiência humana constrói-se como um sistema concêntrico, em cujo centro estão dispostas as estruturas mais evidentes e coerentes.

Toda cultura cria um modelo inerente à duração da própria existência, à continuidade da própria memória. É característico que em geral muitas culturas não admitam a possibilidade duma mudança mínima substancial que diga respeito à atualidade das regras por elas formuladas. Por isso, com frequência, a cultura não tem por objeto o conhecimento do futuro: o futuro apresenta-se como um tempo que se deteve, como um prolongamento do “agora”, o que está em relação direta precisamente com uma orientação

para o passado que assegura essa indispensável estabilidade na qual se tem de reconhecer uma das condições de existência da cultura.

A semiótica da cultura não consiste apenas no fato de que a cultura funciona como um sistema de signos. É necessário sublinhar que já a relação com o signo e a signicidade representa uma das características fundamentais da cultura.

Posner destaca que se olharmos o trabalho dos antropologistas culturais, veremos que estão principalmente interessados na questão de como a cultura social, material e mental é transmitida de uma geração para a outra.

Para Lotman a cultura mental é considerada como um sistema concêntrico de esferas semióticas, rodeadas por um arranjo de camadas múltiplas de esferas não-semióticas. Pode-se dizer que cada esfera ocupa um segmento de realidade. São nestas esferas semióticas que estes segmentos são estruturados pelos códigos da cultura; nas esferas não-semióticas os segmentos são deixados sem estrutura. O conjunto de esferas pode ser classificado em quatro áreas diferentes: a extracultural; a não-cultural; o culturalmente periférico; e o culturalmente central.

Posner cita que os elementos opostos são ou eliminados ou integrados, marginalmente, numa dada cultura. Se há integração, há também um processo de elaboração a ser observado nos códigos usados pelas culturas com relação aos segmentos de realidade em questão. Ao invés de um rótulo global, vários rótulos passam a ser utilizados e aplicados de maneiras diferenciadas. Portanto, o processo de semiotização, que começou quando um segmento de realidade foi descoberto e classificado como não-cultural, alcança um novo estágio quando é incorporado em uma cultura e aceito como cultural.

Para Posner, as chances de uma longa sobrevivência de partes de uma informação são grandes, quando existe um código que exige a expressão renovada para cada aplicação. Tal é o caso da informação gramaticalizada nas línguas naturais; portanto, a obrigação de usar um verbo flexionado em cada sentença tem sido mantida viva em categorizações antigas de tempo de modalidades de ações nas línguas indo-européias. A cultura como memória coletiva não é apenas um mecanismo de armazenamento, mas também um artifício de seleção: fisiologicamente falando um dictionnaire raisonné, biologicamente falando uma máquina de sobrevivência.

Lotman e Uspenski consideram que o mecanismo semiótico da cultura criado pela humanidade está organizado de maneira substancialmente distinta: adaptam-se princípios estruturais opostos e alternativos. As suas relações, a disposição destes ou daqueles elementos no campo estrutural que se está a formar, criam a ordenação estrutural que permite fazer do sistema o meio de conservação da informação. E, contudo, é ainda essencial que sejam realmente, atribuídas não estas ou aquelas determinadas alternativas, cujo número seria sempre finito e – para um sistema determinado – constante, mas o princípio mesmo da alternância, com base no qual todas as oposições concretas duma estrutura dada representam apenas as interpretações num determinado nível. Por conseguinte, qualquer par de elementos, de ordenações locais, de estruturas particulares ou gerais, ou mesmo de sistemas semióticos inteiros, adquire valor de alternativa e forma um campo estrutural que pode ser preenchido pela informação. Deste modo, surge um sistema com aumento maciço das possibilidades informativas.

Esse desenvolvimento maciço da cultura não exclui que alguns dos seus componentes, às vezes essencialíssimos, possam apresentar-se como estabilizados. Assim, por exemplo, a dinâmica das línguas naturais é mais lenta do que o ritmo de desenvolvimento dos restantes sistemas semióticos, de tal modo que na união de qualquer um destes aquelas intervêm como sistema em equilíbrio sincrónico. Mas também disto a cultura “extrai” informação, criando o par “fixo versus dinâmico”.

O século XX não só produziu meta-linguagens científicas, mas também uma meta-literatura, uma meta-pintura (uma pintura em torno da pintura) e promove, evidentemente, a criação duma meta-cultura: dum sistema lingüístico omni-compreensivo de segundo plano. Da mesma maneira que uma meta-linguagem científica não está destinada a resolver os problemas duma determinada ciência no plano do conteúdo e tem fins próprios, assim o “meta-romance”, a “meta-pintura”, o “meta-cinema” contemporâneos dispõem-se, do ponto de vista lógico, a um nível hierárquico distinto do dos correspondentes fenómenos do primeiro plano e visam outros fins. Considerados numa série única apresentam-se de fato tão estranhos como uma questão de lógica introduzida num problema de engenharia.

A possibilidade duma autoduplicação das formações meta-lingüísticas com um número ilimitado de níveis constitui, juntamente com a inclusão constante de novos objetos na esfera da comunicação, a reserva informativa da cultura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS:

Lotman, Iúri e Uspenski Bóris A. “*Sobre o mecanismo semiótico da cultura*”. *Ensaaios de Semiótica Soviética*. (trad. Salvato T. Meneses). Lisboa: Novo Horizonte, 1981: 37 – 66.

Posner, Roland. “*O mecanismo semiótica da cultura*”. *Comunicação na era pós-moderna*. (M. Rector e E. Neiva, orgs.). Petrópolis: Vozes, 1997: 37 – 49.

FERNANDO A. PACHECO: Bacharel em Violão, Especialista em Educação e Mestre em Comunicação e Semiótica: Artes (PUC/SP). Professor de Música da Universidade Vale do Rio Verde (UNINCOR – Três Corações – MG) e professor do Conservatório Estadual de Música de Pouso Alegre – MG. Foi aluno de Eliot Fisk e Larry Coryell.